

Rui Barbosa em Buenos Aires

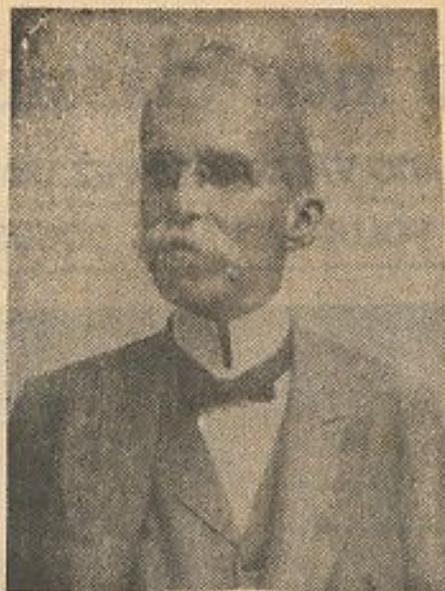
"*Journal de Letras*"
maio de 1979

Evaristo de Moraes Filho

Quando Venceslau Brás tomou posse de Presidente da República a 15 de novembro de 1914, já a Europa se encontrava conflagrada desde 1º de agosto. Rui Barbosa não lhe era hostil, demonstrando-lhe, pelo contrário, benévola simpatia e os melhores augúrios, depois do governo, que se encerrava, do seu acirrado adversário da campanha civilista.

Constituiu-se o ano de 1914 talvez o de maior atividade parlamentar do representante baiano, durante o qual se destacaram duas grandes intervenções: a decretação de estado de sítio pelo Governo durante o recesso do Congresso e o pedido de informações sobre o fuzilamento de marinheiros a bordo do *Satélite*. No ano seguinte e na metade de 1916, como que se mantivera calado, assombrado com as barbaridades e com a violência da conflagração entre os Aliados e os Impérios Centrais. Todo o seu mundo de valores e símbolos ruía fragorosamente diante do espetáculo a que seus olhos assistiam. Desde o primeiro momento, segundo esses valores e essas normas, identificou o agressor e tomou partido. Estava com a Inglaterra e seus aliados. Aceitara o convite para fazer parte da Liga Brasileira pelos Aliados, então fundada, e chegou a ser seu Presidente. Em dedicatória do próprio punho de um exemplar das *Cartas de Inglaterra* (ed. de 1896) a Alexander Mackenzie, que se encontra na Casa que lhe leva o nome, escreveu Rui: «Neste livro palpitava, há mais de vinte anos, o meu coração com ardor pela Inglaterra e pela França, hoje, graças a Deus, indissolúvelmente unidas para o bem da humanidade. Deus as cubra de bênçãos e perdoe aos seus gratuitos inimigos». Data: 6 de julho de 1915.

Pois bem, comemorava-se a 9 de julho de 1916 o centenário da Independência da República Argentina. Pretendendo o Governo brasileiro enviar uma delegação especial para as come-



RUI BARBOSA

morações «dos fastos cívicos de Tucumán», dentro da melhor política de boa vizinhança, fixou-se a sua escolha na pessoa de Rui Barbosa, já a caminho dos 67 anos de idade e com a saúde cada vez mais precária.

Rui não pedira nada, nada pleiteara do Governo. Atravesava uma das suas fases de desânimo e de meditação, talvez estarecido diante da pavorosa guerra que se desenrolava, e também perplexo com o súbito e trágico desaparecimento de Pinheiro Machado, seu adversário na política nacional havia cerca de vinte anos. Ademais, julgava-se obrigado a não se manifestar na política pela posição de membro do Tribunal de Arbitramento da Haia.

Convidado para a missão por intermédio de seu filho Alfredo Rui, pede-lhe em fevereiro de 1916 que leve a sua recusa ao Ministro Lauro Müller, por motivos inarredáveis. Ainda em 10 de junho, em carta ao Ministro, declinava do convite «por motivo de saúde e receio de, por essa razão, não poder cumprir sua missão». Mas já na mesma data estava nomeado Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário para aquelas comemorações.

Sobre o episódio vale a pena a leitura de meia página de João Mangabeira, que o narra como

testemunha participante: «A princípio recusou Rui o convite. E, por carta de 10 de junho, isso comunicava a Lauro Müller, que apelara até para a família do grande brasileiro, a fim de trabalhar no sentido de convencê-lo a aceitar. Mas todo o empenho desta se baldara. Como sempre, a meu ver, o que Rui temia era não corresponder à expectativa. Alegava, porém, a «sua notória predisposição para a gripe» e o receio de contrai-la, no inverno argentino, sujeito assim a uma situação intolerável, constrangida e desastrosa, qual a de chegar ao lugar do destino, e não «ser possível dar conta» da sua «alta missão».

«Lauro Müller, porém, não se dá por vencido. E no mesmo dia — 10 de junho — aniversário de Alfredo Rui, à noite, estávamos à mesa, em sua casa, à Rua Senador Vergueiro, além dos membros da família, eu, Palma, e o Major Carlos Aguiar, velho e íntimo amigo de Rui e dos seus. Batem à porta e anunciam Lauro Müller. Rui levanta-se e, acompanhado de Alfredo Rui e Batista Pereira, dirige-se à sala de visitas, onde passam a conversar. E Carlos Aguiar, ato contínuo, provocando risos: «Rui sozinho numa sala com aqueles três mágicos, já sei do resultado — está embrulhado».

«Perto de uma hora depois sai Lauro Müller. Volve Rui acompanhado pelo filho e pelo genro. Tem no rosto um arzinho de riso. E Aguiar: — «Foi embrulhado, não?». E Rui, a sorrir: «É verdade». Aguiar repete-lhe o que dissera e ele ri gostosamente. E explica que, ante o apelo instantâneo, sincero, de Lauro Müller, não só em nome do Governo, mas, por fim, em nome do Brasil, para que fizesse um sacrifício e não privasse a Nação desse serviço, ele, perplexo, cedera e aceitara a comissão».

(Do prefácio, inédito, ao volume *Embaixada a Buenos Aires* — Tomo I do vol. XLIII — 1916 — das *Obras Completas de Rui Barbosa*, a sair dentro em breve).